

PERCEPÇÃO DE ESCOLARES SOBRE O CORPO E A PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA DE IDOSOS

Fernanda Alice Câmara Brito¹
Giulyanne Maria Silva Souto²
Iraquitan De Oliveira Caminha³
Giulyanne Maria Silva Souto⁴

RESUMO

Este estudo possui o objetivo de analisar a percepção de escolares em relação ao corpo e a prática de atividades físicas de idosos do sertão da Paraíba. Considerando a influência da dimensão social na percepção corporal individual e do “outro” foi feita uma pesquisa com estudantes de ensino fundamental I de uma escola municipal localizada em São Gonçalo, Sousa-PB, onde aconteceram encontros com atividades de desenhos, confecção de agendas e diálogos individuais com as crianças sobre o corpo do idoso e a prática de atividades físicas. A partir dos conteúdos coletados foi feita a análise e discussão dos discursos das crianças e da relação entre as imagens produzidas. A partir das discussões correlacionando os discursos e desenhos das crianças com outros estudos envolvendo a mesma temática, puderam ser constatados que praticamente em todos os encontros os alunos apontaram em suas atividades ideias, representações e concepções sobre o corpo do idoso e da prática da atividade física que concordam com discursos que circulam no meio social. Portanto pode-se dizer que em relação ao tema percepção corporal e atividade física há reproduções de discursos constantemente expostos pela sociedade presentes nas falas das crianças.

Palavras-chave: Atividade Física; Percepção Corporal; Criança.

INTRODUÇÃO

Algo que torna os seres humanos semelhantes como espécie são as características compartilhadas nas diferentes fases da vida, nas quais se necessita de adaptações devido às peculiaridades presentes em cada um desses momentos. Pode-se dizer que as diferenças ocorrem dependendo da fase em que se estar, assim como os hábitos do corpo também tendem a mudar, portanto a adaptação deve ser constante (SANTOS, 2000).

O corpo humano dá o sinal para reconhecer e aprender novamente a lidar e adaptar-se à nova fase no ciclo da vida, por isso pode-se dizer que este prepara o indivíduo visto que o processo de envelhecimento é constante e a forma como é vista apresenta-se muito geral e objetiva (SANTOS, 2002). Porém, envelhecer vai muito além do que uma simples idade

¹Graduada do Curso de Educação Física do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, fernanda.alice.camara@gmail.com

² Mestre pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba- UF, giulyanne.ufpb@gmail.com

³ Doutor pelo Curso de Fisioterapia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, caminhairaquitan@gmail.com

cronológica. Existe um simbolismo e uma carga cultural sobre um corpo e suas fases, principalmente na atualidade onde o curso da vida faz parte de uma seqüência evolutiva e cada uma, mesmo com suas características sociais e culturais, tem um caráter universal (DEBERT, 2010). O corpo como parte da sociedade acompanha suas mudanças, e a cultura de acordo com o momento vivido.

Vive-se em uma sociedade onde a cultura de rotular e padronizar tudo em volta é algo comum, portanto, com o corpo não seria algo diferente. A preocupação com a estética corporal tendo um espaço na mídia pode influenciar a ver o corpo como um produto que pode ser alterado de acordo com os padrões. Isso é algo que atinge a todos, passando de geração a geração e por todas as faixas etárias, sejam jovens, adultos, idosos e as crianças que por sua vez sofrem muito mais influência visto que tendem a reproduzir o que escutam e o que vêem (CORSARO, 2009).

Se olhar nos meios midiáticos, pode-se notar que o padrão de corpo, muda de tempos em tempos, porém sempre tem a valorização do corpo jovem. De acordo com Ramos (2009, p.143) “Num tempo de tantas descobertas biomédicas e tecnológicas, em que podemos ser permanentemente remodelados, não há espaço para o corpo velho, gordo, enrugado e estriado”.

Portanto, é certo dizer que o envelhecimento é encarado como algo ruim pela maioria das pessoas. Assim como Debert (2010, p 64) mostra a visão sobre o corpo do idoso como “o declínio inevitável do corpo, o corpo ingovernável que não responde às demandas da vontade individual, é antes percebido como fruto de transgressões e por isso não merece piedade”. Por isso a procura por meios de retardá-lo, com o uso de cosméticos, cirurgias plásticas, dietas, tratamentos rejuvenescedores e academias para a prática de atividades físicas. Este último além de ser mais saudável, pode trazer a quem pratica, não só mudanças estéticas, mas também melhoras nos aspectos biológico, físico, mental, além de uma melhor qualidade de vida.

Por isso, mais do que saber as percepções das crianças, o estudo buscou responder a seguinte pergunta: há influência da sociedade, no modo como escolares percebem o corpo do idoso que pratica atividade física? Há indícios na literatura de que a sociedade, de uma forma geral, tem influência nas percepções das crianças sobre o corpo do idoso e a relação do mesmo com a atividade física.

A realização dessa pesquisa justifica-se não só pela necessidade de compreender as percepções das crianças sobre o corpo do idoso e a atividade física, mas busca saber o que as

influencia no modo de perceber o mundo e a sociedade, uma vez que a propagação da cultura corporal do rejuvenescimento está tão presente nesta e, portanto comportamentos e opiniões podem ser reproduzidos por esta faixa etária.

Diante disso, este estudo possui como objetivo geral compreender a percepção de escolares em relação ao corpo e a prática de atividades físicas de idosos do sertão da Paraíba. E mais especificamente busca-se: Perceber a influência que a sociedade exerce em relação à representação do idoso; Entender o que pensam as crianças em relação às características e representações atribuídas a figura do idoso e o que a atividade física pode influenciar nessas características; E analisar a aproximação entre as percepções das crianças e os discursos que circulam o meio social sobre corpo do idoso e a prática de atividades físicas.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa. Participaram desta pesquisa 52 escolares de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental localizada em São Gonçalo, Sousa-PB. Para a amostra, foram convidados meninos e meninas do ensino fundamental I cursando do 2º ao 5º ano com idades entre 6 a 10 anos. Não participaram os discentes do 1º ano devido a faixa etária exigida pelo estudo e pela realização das atividades as quais seriam necessárias produções com escrita e diálogos mais elaborados para análise.

Foram realizados, encontros para a execução de atividades coletivas e individuais como desenhos, escrita e gravações de áudio das crianças individualmente para a uma melhor visibilidade sobre a interpretação das mesmas sobre os conteúdos produzidos sem a influência de outros colegas na formulação de suas respostas. A opção de utilizar esses métodos justificou-se pela busca de estimular as crianças adaptando os encontros em um ambiente já familiarizado por elas e por desenvolver atividades que lhes tragam prazer, driblando assim o cansaço, influenciando na vontade de participar e na exposição de suas ideias.

Inicialmente, as crianças receberam o Termo de Assentimento (TA) (APÊNDICE A) para que entregassem aos pais e trouxessem assinados constando que foram autorizados a participar da pesquisa. Foi organizado junto com a direção e as professoras de cada turma a disponibilização de um horário entre suas aulas para a realização das atividades.

Os encontros aconteceram durante uma semana sempre no turno da tarde onde funcionavam do 2º ao 5º ano no horário das aulas durante 30 minutos para cada turma. Os encontros aconteciam sempre com a presença das professoras responsáveis pelas turmas, tanto

para apoio quanto para uma melhor adaptação das crianças.

Durante os encontros, as crianças desenvolveram atividades com desenho e escrita, onde podiam expor suas opiniões a partir das temáticas elencadas inicialmente. Essas atividades foram propostas, por serem mais atrativas e estimularem na participação das crianças assim como foi observado por Ramos (2009) em seu estudo em que também envolviam crianças e a mesma constatou que as pesquisas com atividades mais ativas e diferentes se tornam mais divertidas, ajudando tanto na comunicação quanto na formulação dos discursos das crianças.

Todas as atividades realizadas entregues pelas crianças, dentre elas os desenhos, listas e agendas eram arquivadas, assim como as gravações de áudio para posteriormente serem transcritas. A proposta dada as crianças, era de produzir um diário colocando nele todas as atividades feitas por elas a cada encontro.

No primeiro encontro, foi feita a chamada “tempestade de palavras” onde as crianças citariam características dadas ao corpo de uma pessoa idosa e estas eram colocadas na lousa. Ainda no primeiro encontro foi pedido um desenho livre e individual de uma pessoa idosa que as crianças conheciam podendo especificar o nome e a idade da pessoa.

No Segundo encontro, foi pedido para as crianças descrevessem individualmente como elas achavam que era o dia da pessoa idosa que desenharam no primeiro encontro, especificando o que faziam pela manhã, tarde e noite.

No terceiro encontro, foi pedido para que as crianças fizessem duas listas com os títulos “o que o velhinho pode fazer?” e na outra “o que o velhinho não pode fazer?”

No quarto encontro, as crianças produziram um desenho da mesma pessoa idosa feita no primeiro encontro, porém imaginando como essa pessoa seria se fizesse atividade física e no desenho colocariam em que a atividade física ajudaria esse velhinho.

No penúltimo encontro, foi feita uma entrevista individual com as crianças. Nessa ocasião, foi feita a comparação com o primeiro desenho da pessoa idosa que fizeram no primeiro encontro e o segundo desenho dessa mesma pessoa, porém fazendo atividade física. Após mostrar os dois, foi lhes perguntado: “O que mudou no corpo do idoso no desenho em que está praticando atividade física?” na intenção de que as crianças interpretassem seus próprios desenhos e citassem as mudanças de um para o outro.

No último encontro, as crianças receberam “O diário do(a) velhinho(a)” (APÊNDICE C), neste continham todas as atividades que produziram entre elas os desenhos, a agenda, a lista e ao fim, um agradecimento pela participação na pesquisa. Tudo foi anexado e entregue a

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

cada uma.

Foram feitos registros fotográficos de todo o material coletado entre eles os desenhos e escrita dos alunos. Já das gravações de áudio, foram realizadas transcrições dos discursos das crianças. Esta análise foi feita através da comparação e interpretação das próprias crianças sobre os seus desenhos, ou seja, os dados foram comparados entre si e discutidos com as constatações de outros estudos com a temática de percepção corporal do corpo do idoso.

Esse estudo foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa, conforme a resolução N°466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde com a carta de anuência (APÊNDICE B) assinada pela direção da escola. Após a aprovação pelo Comitê de Ética (N° do parecer 2.410.645), o estudo foi apresentado aos alunos, solicitando a assinatura dos pais no Termo de Assentimento - TA para assim iniciar as coletas. É importante salientar que a todo o momento a identidade das crianças foi preservada.

DESENVOLVIMENTO

A criança, do ponto de vista sociológico é vista como um indivíduo com suas próprias culturas e experiências, as quais as inserem como parte integrante de uma sociedade, portanto, a infância tem suas contribuições dentro de um contexto social (RAMOS, 2009). Sarmiento (2003, p.9), por exemplo, diz que as crianças “veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo”. Por isso, pode-se dizer que suas percepções sobre diversos temas sociais podem ser formadas a partir de suas experiências.

Portanto suas falas sobre a velhice e o rejuvenescimento, tendem a ser reproduções do que vêem e escutam na TV, revistas, propagandas, internet e até do convívio com os pais e parentes (RAMOS, 2009). Enfim, experiências herdadas culturalmente que influenciam em suas percepções. Sabendo que os benefícios que a Atividade Física traz vinculam-se dentre outros, a aspectos biopsicossociais como, a promessa do rejuvenescimento e a visão do idoso ativo que recupera a funcionalidade do corpo e assim sua autonomia e independência, além da estética. Visão que também é reproduzida nos meios midiáticos e conseqüentemente pela sociedade, passando por todas as gerações, sem descartar a infância (FERREIRA, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante todos os encontros, as crianças tiveram uma boa aceitação em participar da pesquisa e demonstravam entusiasmo principalmente quando as atividades eram ilustrativas. As professoras estavam presentes nos encontros tanto para uma melhor adaptação dos alunos quanto para o auxílio de entrega de materiais como folhas de ofício e lápis coloridos para desenhos e escrita. Por isso foi possível o cumprimento das atividades e entrega dos conteúdos a seguir.

As mudanças psicológicas e físicas fazem parte da vida, porém essas mudanças, principalmente as físicas, são mais significantes na velhice. Tal constatação foi feita por Neto (1996) o qual também exemplificou essas mudanças destacando os cabelos brancos, o corpo enrugado, a fragilidade e o declínio no funcionamento do corpo. Essas características foram observadas já na “Tempestade de Palavras”, atividade a qual as crianças deveriam falar sobre adjetivos atribuídos ao corpo do idoso e esses foram sendo expostos no quadro branco.

Dentre as mudanças físicas, as palavras mais citadas pelas crianças em praticamente todas as turmas para caracterizar o corpo do idoso foram, rugas, cabelo branco, usa bengala, tem doenças, usa óculos, cego, mole, acabado, não tem dentes e até mesmo caracterizaram como um corpo feio entre outros adjetivos. Já nas mudanças psicológicas elas citaram o esquecimento ou a pouca memória, conseqüências do avanço da idade.

Estas características também foram observadas nos desenhos abaixo produzidos pelas crianças. Essa foi a segunda atividade que também aconteceu no primeiro encontro onde as crianças desenharam o idoso que mais gostavam podendo colocar o nome e a idade do mesmo.

Nota-se que na maioria dos desenhos encontram-se características apontadas anteriormente pelas crianças na “tempestade de palavras” como, por exemplo, o uso dos óculos, as rugas, os cabelos brancos e o uso da bengala. Estas representações e significados são atribuídos aos idosos também nos estudos de Lopes e Park (2007) onde eles observaram que uma parte da sociedade percebe o idoso como um indivíduo que consegue ter qualidade de vida e manter um controle sobre seu corpo, porém outra parte percebe o idoso como velhos solitários, doentes e abandonados, demonstrando serem dependentes de outras pessoas para realizar suas atividades.

Essa visão do envelhecimento é a representação de um indivíduo mais frágil ou como as crianças mesmo definem como “mole” e “acabado”, estimula no pensamento delas de que o idoso necessita diariamente tomar remédios ou não pratica atividades com um maior gasto energético, como foi constatado no segundo encontro na “Agenda do velhinho” feita pelas

crianças. Nessa atividade, colocaram a sua percepção sobre a rotina de uma pessoa idosa e especificaram o que estas faziam pela manhã, a tarde e a noite.

Nos desenhos feitos por alguns dos alunos pode-se notar a pouca prática de atividades físicas dos idosos onde eles colocaram que em boa parte do dia que os mesmos permanecem deitados, dormindo, sentados, vendo tv e ouvindo rádio. Atividades de lazer mais passivas e características de um comportamento sedentário, as quais são prejudiciais a saúde do idoso podendo provocar distúrbios orgânicos segundo Maciel (2010). Além disso, também se percebe que há o consumo de remédios em boa parte dos desenhos, em alguns deles como na figura 10 aparece esse consumo mais de uma vez ao dia. Tal percepção condiz com a realidade observada por Oliveira e Santos (2016) em que apontam o uso diário de medicamentos feito por idoso como forma de tratar doenças sucedidas da velhice.

Essas ilustrações dos alunos também podem estar ligadas à imagem que eles têm do corpo do idoso, onde também compõe a representação do envelhecimento assim constatado no estudo de Pacheco e Santos (2004) em que o envelhecer não apareceu associado a um indivíduo ativo e sim a termos negativos como, limitação, inutilidade e doenças que, conseqüentemente, acarretam mais fragilidade e dependência. Essa associação pode ser conseqüência do culto ao corpo jovem do qual inferioriza tudo o que não está nos padrões impostos pela sociedade e por isso mostra o envelhecimento como algo ruim.

Esse ponto de vista também foi observado por Uchôa (2003), quando o mesmo aponta que pensar no envelhecimento como algo negativo seria conseqüência de uma sociedade centrada na produção e consumo de corpos jovens e bonitos, inferiorizando assim o que seria velho e frágil. Talvez essa fragilidade fosse o motivo pelo qual fez muitas crianças destacarem na rotina de um idoso a falta de atividade física e o consumo de remédios.

Porém algumas crianças ainda colocaram na rotina de um idoso, atividades que exigiam mais disposição. Nota-se que nas duas agendas descritas aparecem em algum momento do dia dos idosos, atividades rotineiras como trabalhar fora e atividades físicas como a caminhada. Apesar dessas atividades não estarem na maioria das agendas produzidas pelas crianças, o pensamento de que essas atividades poderiam ser feitas pelos idosos foi constatada por grande parte dos alunos em uma lista que produziram. A lista feita no terceiro encontro era dividida em “O que o velhinho pode fazer” e “O que velhinho não pode fazer”. Nela as crianças elencaram atividades que os idosos poderiam ou não fazer.

Notou-se nas figuras que entre as atividades das quais as crianças acham que o idoso pode fazer estão principalmente atividades físicas como andar de bicicleta ou “fazer educação

física” assim como elas mesmas citam. Já outras crianças destacam atividades comuns e de rotina como trabalhar fora e atividades domésticas como lavar a casa e lavar a louça. Outro ponto interessante a se observar está na lista em que elas elencaram coisas que os idosos não podem fazer, entre as que mais se repetem estão “não andar/sair sozinho na rua” que remete a dependência de outro indivíduo para realizar suas ações e também “não pode beber”, ação que afeta a saúde do idoso, como o consumo de bebida alcoólica, o ato de fumar etc.

Diante disso, pode-se dizer que as atividades elencadas pelas crianças condizem não só com a dependência e a falta de autonomia, mas também são recomendações sobre saúde e bem estar. Esta assertiva também foi mencionada pelo estudo de Ramos (2009) ao qual constatou que os discursos das crianças sobre atividades físicas, alimentação e o não consumo de álcool eram discursos já ditos pela medicina, em revistas, televisão e a sociedade ao qual repetia estas recomendações. Diante do que as crianças citaram nas listas, mesmo com a associação da velhice a fragilidade, o idoso pode ter longevidade e qualidade de vida ao desempenhar atividades que proporcionem bem-estar e saúde ao corpo.

Esta ideia de idoso ativo está presente nos estudos de Rosa (2003) onde se observa que hoje a representação do idoso tem passado por mudanças onde novas possibilidades são sugeridas como o envelhecimento ativo nos quais o idoso tem controle sobre si e retoma a sua autonomia e independência. Com isso, observa-se que os discursos das crianças reafirmam essa nova visão do idoso ativo e mais do que isso, propõe em suas listas a atividade física como meio para manter a saúde e o bem estar físico do corpo.

Essa sugestão das crianças foi ainda mais evidenciada no desenho produzido no quarto encontro. Nele as crianças fizeram um idoso praticando alguma atividade física escolhida por elas mesmas. Além disso, foi-lhes pedido que escrevessem o nome da atividade e justificassem o porquê da escolha evidenciando os seus benefícios. Dos desenhos feitos, foram selecionados os que mais se repetiam em relação às atividades físicas escolhidas pelos alunos.

Em todos os desenhos feitos pelas crianças no quarto encontro tiveram justificativas para as atividades escolhidas, estas foram associadas à saúde e bem estar como um benefício da prática. Assim como foi escrito pelo aluno do 4º ano na figura 16 “musculação para fica ativo” e na figura 17 onde a aluna de 5º ano escreve “a minha vo gosta de fazer iogan, porque relacha os nervos para o dia a dia”.

O discurso das crianças sobre qualidade de vida, idoso ativo, saúde e bem estar são retratações advindas de novas perspectivas sobre o envelhecimento. Estas, segundo Barros

(2002), são atribuídas ao idoso com o objetivo de mudar a sua imagem e assim associá-la a de um indivíduo com autonomia e controle de suas ações.

Esse novo pensamento ligado à velhice é reproduzido pela sociedade e conseqüentemente está nos discursos das crianças que podem tomar para si como uma nova concepção do envelhecimento. Para uma melhor visão dessas concepções, no quinto encontro as crianças deram relatos individualmente sobre essa associação de atividade física e corpo ativo. Nesse foram comparados seus desenhos feitos no primeiro encontro na atividade “velhinho que eu mais gosto” e os desenhos que fizeram do quarto encontro durante a atividade denominada “velhinho que faz atividade física”.

Nota-se pelos desenhos e as interpretações das próprias crianças que existe uma associação da prática da atividade física como forma de retardar o envelhecimento. Essa constatação é ainda mais evidenciada quando as crianças comparam seus próprios desenhos e citam as mudanças que fizeram ao ilustrar o idoso praticando atividade física apontando características que no desenho do primeiro encontro não foram constatadas como o corpo forte, mais magro e saudável.

O ato de associar exercícios físicos com a ideia de saúde e qualidade de vida é mencionado por Fischer (1997) quando diz que são discursos da mídia reproduzidos pela sociedade e que a mesma decide os exercícios que se deve fazer, como deve se alimentar, qual o biótipo padrão, entre outras decisões relacionadas a nossa formação social. Todas essas imposições são conseqüências do culto ao corpo belo, saudável, longe de doenças e tão venerado pela sociedade.

Levando-se e conta uma comparação de como as crianças caracterizavam o corpo do idoso no início dos encontros e ao final deles, nota-se que primeiramente a fragilidade era o elemento mais apontado em suas representações e escritas e no momento em que as crianças deram sugestões do que os idosos poderiam fazer, elas apontaram em suas listas a prática de atividades físicas. Logo depois essas sugestões foram justificadas como meio para ter um corpo mais ativo. Assim a fragilidade perdeu o espaço e deu lugar a um corpo mais forte. Esse ponto de vista condiz diretamente com a observação de Goellner (2005) quando diz que somos constantemente responsabilizados pela saúde e pela beleza que temos ou devemos ter e, esta por sua vez pode ser remodelada várias vezes nos dias de hoje com o avanço da tecnologia. A referida autora afirma que o corpo enrugado, velho, cansado e frágil é descartado e em troca dele surge o corpo bonito, saudável, forte e ativo, o qual as crianças representaram e descreveram nas atividades desenvolvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo buscou mostrar através das vozes, representações por meio de desenhos e escrita das crianças, a aproximação que existe entre suas ideologias e os discursos presentes na sociedade sobre como caracterizam e percebem o corpo do idoso. Mais do que isso, a pesquisa constatou que essa aproximação ocorre tanto em seus discursos sobre corpo saudável, forte e ativo, quanto nas formas para consegui-lo. As crianças destacaram a atividade física como proposta para a ressignificação de um corpo cansado para um corpo ativo. Discursos que condizem com recomendações médicas, avanços na tecnologia e ideias sobre qualidade de vida as quais são reproduzidas no meio social.

Através dos relatos das crianças foi possível conhecer não só a cultura, mas o universo o qual a infância abrange. O presente estudo teve limitações em relação ao tempo que aconteciam os encontros, estes eram feitos no horário das aulas onde eram cedidos 30 minutos para desenvolvimento das atividades. Porém, através dos conteúdos produzidos foi possível compreender um pouco sobre os pensamentos, opiniões e concepções das crianças em relação a essa fase que é denominada tão distante, a velhice.

Mesmo com as constatações desta pesquisa, faz-se necessário um estudo mais aprofundado, tanto nesta quanto em outras temáticas que abrangem percepção corporal, mídia e sociedade. Além disso, ampliando o poder de dar voz às crianças, possibilitando que estas opinem em diversos contextos sociais.

REFERÊNCIAS

ALANEN, L. Estudos Feministas/Estudos da Infância: paralelos, ligações e perspectivas. **NAU**, Rio de Janeiro, p. 69-92, 2001.

BARROS, R. D. B.; CASTRO, A. M. Terceira Idade: o discurso dos experts e a produção do “novo velho”. **Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v.4, p.113-124, 2002.

BRASIL. **Organização Pan-Americana da Saúde. Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília-DF, 2005.

CHISHOLM, L. et al. Crescer na Europa: Horizontes actuais dos Estudos sobre a infância e a juventude. **Walter de Grayter**, New York, p.7-19, 1999.

DEBERT G. G. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.16, n. 34, p. 49-70, 2010.

DEBERT, G. G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: **Antropologia e velhice**. Campinas, p. 7-27, 1998.

DUNCAN, S. C.; DUNCAN, T. E.; STRYCKER, L. A. Sources and types of social support in youth physical activity. **Healthy Psychology**, v. 24, n. 1, p. 3-10, 2005.

FERREIRA, O. G. L. et al. Significados atribuídos ao envelhecimento. **Psico-USF**, João Pessoa, v. 15, n. 3, p. 357-364, 2010.

FISCHER, R. M. B. O Estatuto Pedagógico da Mídia. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 59-80, 1997.

GALLAHUE, D.; OZUMUN, J. Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. **Phorte**, São Paulo, 2003.

GALVANI, C.; SILVEIRA, N. D. R. Longevidade e psicomotricidade: ter ou ser um corpo que envelhece com qualidade de vida. **Programa de Estudos Pós- Graduated em Gerontologia da PUC-SP e SESC**, p.148-159, 2015.

GALZERANI, M. C. B. Imagens Entrecruzadas de Infância e de Produção de Conhecimento Histórico em Walter Benjamin. **SP Autores Associados**, Campinas, p. 49 – 68, 2002.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. **Vozes**, Rio de Janeiro. p. 28-40, 2005.

JANE, F. Estudos Culturais, gênero e infância: limites e possibilidades de uma metodologia em construção. **Textura**, Canoas, v.19, n. 20, p.4-13, 2009.

LOPES, E. S. L.; PARK, M. B. Representação social de crianças acerca do velho e do envelhecimento. **Estudos de Psicologia**, v.12, n. 2, p. 141-148, 2007.

MACIEL, M. G. Atividade física e funcionalidade do idoso. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.4, p.1024-1032, 2010.

MENDES, M. R. S. S. B. et al. A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. **Acta Paul Enferm**, v. 18, n.4, 2005.

NAHAS, M. V. Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. **Midiograf**, Londrina, 2001.

NETTO, M. P. Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globaliza-da. **Atheneu**. São Paulo, P. 3-12, 1996.

OLIVEIRA, L. P. B. A.; SANTOS, S. M. A. Uma revisão integrativa sobre o uso de medicamentos por idosos na atenção primária à saúde. **Esc Enferm**, São Paulo, v 1 ,n. 50,p. 163-74, 2016.

PACHECO, R. O.; SANTOS, S. S. C. Avaliação global de idosos em unidades de PSF. **Textos sobre Envelhecimento**, v. 2, n.7, p. 45-61, 2004.

POSTMAN, N. O desaparecimento da infância. **Graphia**, Rio de Janeiro, 1999.

ROLIM, F. S. Atividade física e os domínios da qualidade de vida e do auto conceito no processo de envelhecimento. **Tese de Doutorado**, Campinas, 2005.

RAMOS, A, C. Cultura infantil e envelhecimento: o que as crianças têm a dizer sobre a velhice? Um estudo com meninos e meninas da periferia de Porto Alegre. **Programa de Pós – graduação em Educação**. Porto Alegre, p.267, 2006.

RAMOS, A. C. O Corpo-bagulho: ser velho na perspectiva das crianças. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n.2, p.239-260, 2009.

RAMOS, M. P. Apoio social e saúde entre idosos. **Sociologias**, p.156-175, 2002.

ROSA, T. E. C. et al. Fatores determinantes da capacidade funcional entre idosos. **Revista de Saúde Pública**, v.1, n.37, p.40-48, 2003.

SANTAELLA, L. Corpo e comunicação: sintoma da cultura. **Paulus**, São Paulo, 2004.

SANTOS, S. R. Qualidade de vida do idoso na comunidade: **Aplicação da Escala de Flanagan**. **Latino-americana de Enfermagem**, v.6, n.10, p.757-764, 2000.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. **Braga**, Minho, 2003.

SEIXAS, A. A. C.; BECKER, B.; BICHARA, I. D. Reprodução interpretativa e Cultura de pares nos grupos de Brincadeira da Ilha de Frades/BA. **PSICO**, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 541-551, 2012.

SILVA, P. V. C. COSTA J. A. L. Efeitos da atividade física para a saúde de crianças e adolescentes. **Psicol. Argum**, Curitiba, v. 29, n. 64, p. 41-50, 2011.

STELLA, F. et al. Depressão dos idosos: diagnóstico, tratamento e benefícios da atividade física. **Motriz**, v.8, n.3, p.91-98, 2002.

UCHÔA, E. Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. **Caderno de Saúde Pública**, v.3, n.19, p. 849-53, 2003.